

## **ANTROPOLOGIA E TRADUÇÃO**

**Aluno: Julia Messina**  
**Orientador: Valter Sinder**

### **Introdução**

No segundo ano da pesquisa sobre “Antropologia & Tradução”, suprimimos as fronteiras entre a antropologia e a literatura, percebendo como que questionamentos presentes nesses (não tão) diferentes campos podem contribuir para o aprofundamento de temas relacionados aos estudos culturais. No contexto atual, caracterizado pela constante transição de identidades, a tradução entra em destaque como a forma mais hábil de negociação e diálogo entre essas novas culturas, sendo ressaltadas as potencialidades criativas presentes nesses espaços culturalmente híbridos.

### **Objetivos**

Por meio da análise do romance de Dostoiévski, percebemos a complexidade presente na construção de seus personagens, caracterizados por uma autêntica polifonia. Essa é constituída pela pluralidade de vozes presente ao longo da narrativa, que se misturam com a voz do narrador. Em contraposição às monofonias, que apresentavam objetivos correlatos à percepção unificada do romancista, Dostoiévski se destaca por desenvolver a consciência do outro enquanto sujeito, e não como mero objeto – sendo esse o princípio da “cosmovisão” do autor. Entendendo que a realidade não é única nem objetiva, consegue atingir maior amplitude e profundidade em seus romances (1).

A crítica ao entendimento de verdade como conhecimento absoluto também é elaborada por Spink, que interpreta a produção de sentidos a partir das práticas discursivas. A linguagem é estudada como prática social, ganhando destaque o processo de produção do discurso, e as práticas discursivas são definidas como “linguagem em ação, isto é, as maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas” (2).

Para melhor entender como acontece a construção social da realidade, Berger aplica a sociologia do conhecimento ao nível da consciência subjetiva. O autor confere sentido à leitura teórica do mundo por meio da inserção numa estrutura de análise mais geral conhecimento, uma vez que formulações abstratas não esgotam o que é real para os membros de uma sociedade. A base para “o tecido de significados sem o qual nenhuma sociedade poderia existir” é o senso comum, sendo esse importante também por demonstrar como acontece a distribuição social do pensamento (3).

Após essa vertente construtivista, as disciplinas passam por uma tendência auto-reflexiva, temporalmente situada ao fim do século XX. A partir de então, questionamentos sobre as categorias de etnografia e representação entram em destaque na antropologia, sendo problematizado o conceito de “autoridade etnográfica”. Apesar de produzir interpretações culturais por meio de intensas experiências de pesquisa, “a etnografia está, do começo ao fim, imersa na escrita. Esta escrita inclui, no mínimo, uma tradução da experiência para a formal textual”. O reconhecimento do potencial criativo presente no trabalho etnográfico demonstra a passagem dos paradigmas de experiência e interpretação para os de diálogo e polifonia (4).

### **Metodologia**

Leitura e análise de teorias da tradução desenvolvidas nas áreas de Letras e de Antropologia

## Conclusões

Já que o entendimento cultural se baseia na premissa de que a tradução é possível, todos os aspectos dessa deveriam ser levados em consideração, especialmente durante os processos de trabalho de campo e de produção do texto etnográfico. Uma leitura crítica da tradução demonstra que, como “rewriting is manipulation”, as traduções sempre estão imersas em questões de identidade e poder (5).

Dessa forma, a escrita não pode ser despida de seus aspectos constitutivos, sendo entendida como a mera reprodução de realidades exteriores – especialmente no caso de textos literários e etnográficos. Versiani elabora uma interessante discussão sobre a construção de selves em autobiografias e memórias por meio da revisão do conceito de autoetnografia e de sua apropriação pela antropologia – diluindo as fronteiras entre essa disciplina e a literatura para tecer uma leitura crítica de Antonio Candido e Silviano Santiago (6).

Além da leitura crítica sobre traduções e construções de selves, estudamos os impactos sofridos pela mudança de identidade cultural acontecida na pós-modernidade. Num contexto caracterizado pela emergência de “identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição”, a tradução ganha relevo por permitir o diálogo e a difícil negociação entre as novas culturas, caracterizadas por seu hibridismo e transitividade (7).

Diante desse cenário de mudança de referenciais, Bhabha ressalta a necessidade de conferirmos um outro olhar para as diferenças culturais. Ao invés de perceber como negativa essa pluralidade, o autor destaca as potencialidades criativas presentes nesses espaços culturalmente híbridos, ressaltando a necessidade de “passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais” (8)..

## Referências

- (1) BAKHTIN, Mikhail. O romance polifônico de Dostoiévski e seu enfoque na crítica literária. In: **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.
- (2) SPINK, Mary Jane. Práticas discursivas e produção de sentidos: a perspectiva da psicologia social. In: **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. São Paulo, Cortez, 2004, p. 45.
- (3) BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade – tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 30.
- (4) CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998, p. 21.
- (5) RUBEL, Paula; ROSMAN, Abraham. **Translating cultures – perspectives on translation and anthropology**. Oxford: Berg, 2003, p. 06.
- (6) VERSIANI, Daniela Beccaccia. **Autoetnografias – conceitos alternativos em construção**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2005.
- (7) HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 88.
- (8) BHABHA, Homi K. **O local da Cultura**. UFMG, Belo Horizonte, 1998, pp. 19 -20.